

HISTÓRIA DA ARTE - AUDIOVISUAL

Tópico 1

ARTE . VISUAL . ENSINO
Ambiente Virtual de Aprendizagem

*Aspectos gerais da Arte Visual
e sua História.*

Professor Doutor
Isaac Antonio Camargo



Cursos de Artes Visuais e Audiovisual
Faculdade de Artes, Letras e Comunicação
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

ARTE
VISUAL
ensino

Para iniciar a disciplina foi escolhida uma sequência audiovisual retirada do filme ***2001: Uma Odisseia no Espaço***, produção cinematográfica de ficção científica dirigida por Stanley Kubrick a partir do texto de Arthur C. Clark em 1968. O tema principal é o surgimento e desenvolvimento humano. Mostra o início da Era Paleolítica e destaca a transformação de materiais em ferramentas, recurso que deu ao ser humano a possibilidade de se tornar agente ativo na natureza e na cultura.

O filme, como um todo, discute o existencialismo, tecnologia, inteligência artificial e vida extraterrestre. A produção é eficiente em relatar, por meio de efeitos especiais e com grande realismo uma nova estética cinematográfica que investe imagem por meio de efeitos visuais, reduz os diálogos e amplia os efeitos sonoros incidentais e musicais alterando o uso das técnicas narrativas do cinema tradicional ampliando o conceito de cinema para mais próximo do conceito de Audiovisual que hoje predomina.



Clique [AQUI](#) para acessar este Audiovisual ou vá à MULTMÍDIA, em Audiovisuais: [Aurora da humanidade - 2001 Kubrick](#)

Caso a conexão não abra, o endereço eletrônico é o que segue:

<https://www.youtube.com/watch?v=ypEaGQb6dJk&t=32s>

O conhecimento sobre os primórdios dos seres humanos depende, em parte, das pesquisas arqueológicas que, ao recolherem vestígios dos primeiros grupamentos, possibilitam inferir dados e tentar compreender como viviam e se comportavam.

Tais pesquisas também olham para as imagens criadas por eles naquela época.

Portanto, é possível dizer que a Arte foi uma das primeiras manifestações humanas e, por meio dela, pode-se conhecer um pouco mais do que fomos ou somos...

Por isso, esta disciplina toma como ponto de partida as ocorrências imagéticas produzidas naquela época e, a partir delas, se estende até a atualidade.

***Introdução à Arte Visual:
seu surgimento,
características, conceitos
e História .***

Ao abordarmos o ser humano por meio das teorias que o explicam devemos fazer algumas considerações à respeito delas, neste caso, em relação à História. Pode-se dizer que ela é uma das teorias que recorre à memória, ao passado da humanidade. É uma abordagem científica cognitiva que usa a razão, os fatos para construir o conhecimento.

Do grego, esta palavra se refere à pesquisa, à investigação e sua função é explorar, investigar, buscar o conhecimento no tempo e no espaço. No que diz respeito à História da Arte é uma disciplina acadêmica que busca mediar o conhecimento construído sobre Arte ao longo do tempo, na História, a partir das manifestações artísticas realizadas desde os primeiros tempos.

Portanto, todas as manifestações capazes de serem abordadas como fontes artísticas, ou seja, testemunhos de ocorrências capazes de serem consideradas Arte, em quaisquer períodos, povos, culturas ou lugares podem se tornar objeto de estudo seja da história propriamente dita ou de suas auxiliares como a arqueologia, sociologia, antropologia e demais ciências com as quais ela dialoga e convive na construção deste percurso.

É comum, para uso didático, que este conhecimento seja organizado cronologicamente dos tempos primevos para a contemporaneidade, contudo, pode-se inverter esta cronologia, destacar estilos, escolas ou movimentos de acordo com o projeto de ensino usado ou a importância que se queira dar a um ou outro aspecto deste contexto.

Estilo diz respeito à aparência que as Obras de Arte tem e que demonstram sua personalidade. Diz-se que o Estilo de um artista é como sua caligrafia, ou seja, o modo como suas obras revelam suas habilidades, escolhas e personalidade. Um Estilo na História da Arte, revela os modos como determinados grupos humanos, culturas ou civilizações configuram suas imagens, nesse caso não é a personalidade do Artista, mas sim, do conjunto das Obras produzidas num dado período.

Este conjunto de obras de um dado período ou de um grupo de autores de um lugar, região ou época, pode também ser chamado de Escola.

Quando se fala em Movimento Artístico, se refere a um grupo de artistas que se organizaram para se manifestar de uma certa maneira, em geral, marcam isto por meio de Manifestos. Isto foi comum a partir do século XIX, não antes.

Pode-se chamar também de Tendência a uma Escola ou Movimento, quando não se tem ainda uma configuração completa ou bem estruturada do conjunto de Obras.

As manifestações artísticas são também chamadas de Poéticas. Poética vem do grego *poien* e significa fazer, portanto poética é um modo de fazer que pode ser pintura, escultura, desenho, gravura, fotografia ou audiovisual, entre outras possibilidades expressivas, às vezes também chamadas de Linguagens.

São chamados Gêneros os tipos de manifestações artísticas em uma dada Poética. Na pintura, por exemplo, pode-se encontrar paisagens, retratos, natureza-morta, alegorias e outras tematizações. O Tema é o que se usa para mostrar, narrar ou descrever algo. Temas podem ser tomados do cotidiano como um objeto, uma paisagem ou uma cena histórica, religiosa ou mitológica e o Assunto pode variar em torno deles.

A História não é o recenseamento ou ajuntamento de ocorrências no tempo e no espaço, mas sim um método de investigação para conhecer seus sentidos, seus significados. Uma manifestação artística não é menos importante do que outras manifestações humanas todas contribuem para aumentar a compreensão sobre o ser humano e o mundo.

Pode-se dizer que Natureza é tudo aquilo que o cerca e tudo que ele faz ou produz que se diferencie dela é Cultura, logo, todas as apropriações, transformações, modificações ou construções, sejam intelectuais ou materiais realizadas ou produzidas por ele dizem respeito ao conhecimento como um todo: Tudo é *significante* e tudo produz *significado*.



Quando se olha para as produções humanas do passado quer se descobrir o que, como e porque as realizou, esta é uma das prerrogativas da História.

A abordagem da História da Arte recorta, do universo de condutas e comportamentos humanos, aqueles que se referem às manifestações de caráter estético que ocorreram ao longo do tempo nas diversas regiões do globo. No caso dos Cursos de Artes Visuais, as manifestações visuais, as Imagens classificadas como Arte, organizadas por períodos, estilos, escolas e movimentos .

Tais manifestações visuais vão incluir desde as grafias, incisões, desenhos, pinturas, esculturas também os monumentos, constituídos pelas ordenações construtivas desde as paredes das cavernas passando pelos aparatos megalíticos, os túmulos, catacumbas, templos, palácios, castelos, residências e demais ocorrências que se serviram suportes ou meios para interações visuais que ocorreram desde os primeiros momentos da humanidade até hoje.

Para fazer isto os estudiosos delimitam, por exemplo, períodos por meio de marcas culturais e marcam um percurso. Em geral o percurso mais comum é o temporal, ou cronológico. São delimitados acontecimentos relevantes da humanidade num dado local ou período e o tomam como pontos para a investigação, descobertas e formulação de teorias, conceitos, leituras e interpretações com vistas à sua compreensão. Assim definem o que comumente se chama de *Linha do Tempo*.

A historiografia de caráter linear e temporal “Positivista” foi introduzida no século XIX por Augusto Comte e orientou boa parte dos estudos científicos a partir dali e é uma base ou referência para organizar o percurso de leitura da História da Arte. Assim temos inicialmente dois momentos: um primeiro, ou seja, Pré-histórico e outro posterior: o Histórico.

Durante muito tempo o hábito de considerar as primeiras manifestações humanas como anteriores à História, chamado de período Pré-histórico, se justificou por considerar que o marco para o surgimento da História seria a Escrita, cujos documentos garantiriam o conhecimento sobre os povos e culturas antigas. Tais documentos que seriam então as *fontes primárias* para os estudos historiográficos. Mas tudo é história...

O interesse pelos vestígios materiais de antigas civilizações foi reforçado e expandido a partir dos séculos XV e XVI, no chamado Renascimento Italiano período no qual muitas coleções de objetos do passado passaram a ser valorizadas. Entretanto o grande marco da pesquisa sobre o passado veio da iniciativa de Napoleão Bonaparte, quando da ocupação do Egito, a partir de 1789.

Os pesquisadores franceses, em torno de 175 pessoas, levantaram dados sobre o Egito e publicaram em 1809 o livro ilustrado “Descrição do Egito”, no qual relatavam os conhecimentos obtidos por meio de suas pesquisas. Mas a maior conquista sobre esta cultura ocorreu quando, em 1822, Jean-François Champollion consegue decifrar os hieróglifos egípcios contidos na Pedra de Roseta que continha inscrições egípcias, demóticas e em grego.

Portanto, a descoberta de documentos escritos inaugura a primeira fase da História propriamente dita, considerada então como História Antiga, ou Antiguidade e se torna então o segundo estágio dos conhecimentos sobre a cronologia humana, sendo a Pré-história o primeiro. A terceira fase passa a ser o período Medieval que sucede o Antigo e antecede o Moderno, depois o Contemporâneo.

Os marcos históricos servem para recortar ou delimitar o conjunto de ocorrências. Caso contrário poderia ser difícil encontrar fatores de convergência ou relevância que explicassem ou justificassem um determinado período num certo contexto geográfico ou social. Assim os recortes temporais ajudam a compreender as transformações humanas.

Entretanto, nem sempre precisamos usar a temporalidade como referência para os estudos da História, podemos definir outras categorias para selecionar ou agrupar ocorrências que possam nos auxiliar a entender melhor o pensamento ou desenvolvimento humano.

Assim, a lógica temporal pode ser substituída pela lógica social, econômica, conceitual etc.

Na medida em que substituímos a lógica temporal, entram as outras ciências e suas teorias como a Antropologia, Arqueologia, Sociologia, Etnografia, Psicologia, entre outras tantas possibilidades de olhar para o ser humano no seu tempo e conseguir compreender seus comportamentos, condutas e realizações, inclusive da Arte Visual.

Há uma expectativa de que ao olhar para as condutas que ocorreram em outros tempos a ciência é capaz de “prever” comportamentos posteriores. Se por um lado há uma certa lógica nisso, esta coerência não é uma lei ou uma regra absoluta como se espera das ciências naturais, nas ciências humanas há o componente “comportamento humano” que nem sempre é previsível em sua totalidade.

Se, para as ciências naturais pode-se alcançar alto grau de previsibilidade, nas ciências humanas, nem sempre, isto é possível. Cada momento da história humana decorre de fatores intrínsecos àquele momento e que, nem sempre, são replicáveis para outra cultura, outro lugar ou outro tempo. O que é, de certo modo, constante é a índole humana que, enfim, traça regras nas quais o elemento prioritário é o poder sobre o outro...

Dito isto, podemos tentar destacar alguns fatores que contribuam para o entendimento da Arte Visual ao longo do tempo.

Há diferentes teorias que podem auxiliar este entendimento e que dependem de conhecimentos já elaborados ou em elaboração pelos estudiosos deste campo e que se tornam os Conteúdos com os quais lidamos nas disciplinas de História da Arte Visual.

O conhecimento sobre os primórdios dos seres humanos depende, em parte, das pesquisas arqueológicas que, ao recolherem vestígios dos primeiros grupamentos, possibilitam inferir dados e tentar compreender como viviam e se comportavam.

Tais pesquisas também olham para as imagens criadas por eles naquela época.

Portanto, é possível dizer que a Arte foi uma das primeiras manifestações humanas e, por meio dela, pode-se conhecer um pouco mais do que fomos ou somos...

Por isso, esta disciplina toma como ponto de partida as ocorrências imagéticas produzidas naquela época e, a partir delas, acompanhar o percurso da História da Arte até a atualidade.



A caverna Bruniquel, localizada na França no vale de Aveyron contém as primeiras marcas da presença e intervenção espacial humana que consiste no corte e deslocamento de estalagmites dispondo-as em formatos não naturais, chamados de "spéléofacts".



Sala na caverna Bruniquet, com estruturas datadas de aproximadamente 176.500 anos.



Detalhe de estalagmites com vestígios de carbonização.

Imagem e Arte Visual

***“Imagem é uma
configuração visual
geradora de sentido”.***

Toda configuração visual é
imagem mas nem toda
imagem é Arte Visual.

Esta é uma questão que
deve ser levada em conta
quando discutimos Imagem,
Arte Visual e Audiovisual.

A apreensão
sensível/perceptiva visual
do ambiente depende dos
olhos como a Luminosidade
e de outros fatores como o
modo de se compreender o
entorno, a Espacialidade e o
deslocamento dos corpos e
coisas no espaço, o
movimento ou
Temporalidade.

A capacidade perceptiva humana conta com sensores de qualidades estésicas: sejam luminosas, sonoras, táteis, olfativas ou gustativas quando consideramos os cinco sentidos como a visão, a audição, o tato, o olfato e o paladar.

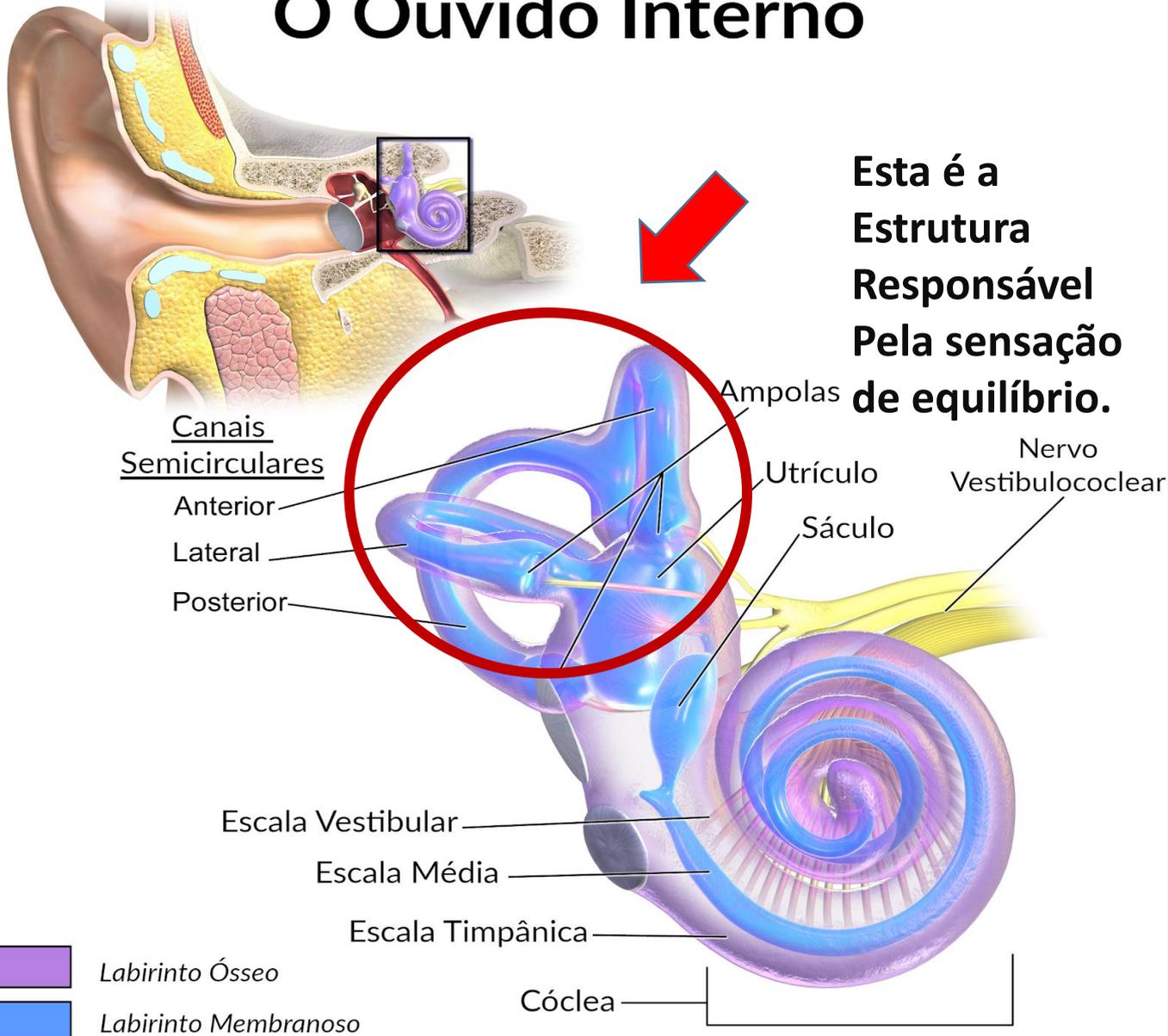
No entanto, um fator importante para o contexto do Audiovisual é a percepção de movimento, essencial para compreensão do meio e das coisas que o constituem, bem como para produzir a “ilusão” virtualizada do movimento no Audiovisual.

A visão, a audição, o tato, o olfato e o paladar dependem dos órgãos dos sentidos: os olhos, os ouvidos, a pele, o nariz e a boca. Eles são capazes de “traduzir” as sensações estésicas/sensoriais em sentidos. No entanto não há um órgão destinado exclusivamente à percepção do movimento, ela depende de uma associação entre sentidos. Sem dúvida a visão é preponderante, mas não só a visão, como também o equilíbrio que envolve a posição do corpo no espaço.

A percepção de Movimento decorre de relações entre: visualização, posição e deslocamento no espaço, ou seja o “deslocamento” de algo que esteja no espaço circundante de alguém ou de alguém que se desloque diante de algo no seu entorno, portanto o movimento não depende apenas de órgãos dos sentidos, mas de algo a mais: da apreensão do “Tempo”, ou seja, da apreensão de algo que se move, aqui chamado de Temporalidade.

Para definir a *Posição no espaço* os corpo recorre à estrutura auricular do ouvido interno que possui sensores de nível: o Labirinto. Ele é responsável pela manutenção do equilíbrio do corpo em relação ao espaço, portanto, é capaz de identificar posições em pé ou deitado e quando tais posições são ou estão alteradas. As experiências perceptivas, sejam quais forem, criam um “repertório” mental sináptico que é acionado de acordo com os estímulos do meio. Assim se a algo está em movimento, a memória acionada é a que se refere ou “lembra” o movimento, assim, é possível recorrer a este repertório para reproduzir ou criar a ilusão de sensações do e no mundo natural.

O Ouvido Interno



Caminhar, correr, saltar, movimentar-se com segurança e também perceber alterações espaciais do ambiente fazem parte das experiências sensoriais e da formação do repertório sensório/sensível. Deslocando o olhar, o corpo ou acompanhando o deslocamento das coisas no espaço vão constituir a Temporalidade.

O que se deduz é que os sentidos atuam simultânea e sincronicamente, ou seja, se quisermos apenas caminhar é necessário associar visão, tato, ouvido/labirinto. Um deficiente visual, usa o tato e o labirinto auxiliado pela audição, na medida em que pode perceber variações sonoras no ambiente auxiliando a localização, como também a sensação de posição no espaço como verticalidade e horizontalidade.

Nesta mesma linha de raciocínio é possível considerar que a percepção de movimento também é desenvolvida por associação. Neste caso um tipo diferente de associação, além da visão entra um novo elemento associativo: a ideia de tempo. Neste caso esta ideia se refere à percepção de deslocamento dos corpos e das coisas no espaço, criando a sensação de *antes, durante e depois*, ou seja: *anterioridade, duratividade e posterioridade*. Sem isto, não seria possível também criar os efeitos virtuais do “Audiovisual”.

Os desenhos, as pinturas, as incisões, modelagem e esculturas que surgiram desde os primeiros tempos da humanidade dependiam de habilidades manuais e cognitivas humanas para imitar, reproduzir ou criar imagens artificiais que podiam se assemelhar ou não com aquilo que viam e conviviam no ambiente. Reproduzir o visível foi a primeira abordagem destinada a criar ilusão.

A *visualidade* percebida do mundo natural possui formas, cores, texturas, volumes, densidades, distâncias, movimentos etc. Entretanto não é possível traduzir ou converter tudo isto em imagens, para realizar uma dada configuração visual há que se fazer escolhas: privilegiar alguns aspectos ou efeitos e deixar outros de lado. Estas escolhas definem o que chamamos de Poéticas.



As imagens pré-históricas foram produzidas mediante estratégias discursivas tradicionais como estas:

Pode-se dizer que, dentro de uma visão convencional, que o Desenho privilegia o contorno, o gráfico, em detrimento do volume. A escultura privilegia o volume em detrimento do desenho e da coloração. A pintura privilegia a cor, o desenho e não o volume. Enfim, as primeiras imagens foram construídas em superfícies ou em volumes nas quais eram destacadas as substâncias mais adequadas à sua configuração. Então há imagens bidimensionais e tridimensionais, mas não em movimento.

As imagens eram *artesanais*, feitas pela mão humana, e dependiam das habilidades de apreender as aparências do meio e da tentativa de reproduzi-las com maior, menor ou nenhum grau de proximidade ou aparência daquilo que viam.

As primeiras imagens conhecidas e realizadas pelo ser humano se referem, principalmente, a animais. Tais imagens se parecem bastante com certos animais que existem ainda hoje, logo, pode-se perceber a qualidade, a capacidade imitativa, as habilidades manuais e cognitivas que desenvolveram.

Embora seja possível aferir a eficiência com que aqueles seres humanos produziam suas imagens, não é possível saber, de fato, com que fim eram feitas.

Por isso os teóricos e historiadores levantaram algumas hipóteses na tentativa de explicar ou justificar a criação daquelas imagens. Em síntese a melhor explicação é que fazem parte de possíveis rituais criados por eles e estes rituais tinham fins propiciatórios.

Adotando tal entendimento, não há que se pensar em Arte como hoje em dia, tampouco como ornamentação, decoração ou registro. Mas é possível também pensar que tais imagens eram feitas pelo simples fato de que eram capazes de realiza-las e isto poderia estimulá-los a fazê-las. Ao mesmo tempo pode-se pensar quem as fazia: eram os homens ou as mulheres?

Ao observar suas realizações pode-se inferir quais as motivações que os estimulavam e, a partir daí, tentar entendê-lo e compreendê-lo um pouco mais a respeito de seu comportamento e de sua índole.

O ser humano é um ente social e, portanto, depende dos demais para sobreviver, dentro e fora de seu grupo.

Muito daquilo que realiza produz *efeitos de sentido* junto ao seu grupo, seja para comunicação interpessoal ou coletiva.

Como não há registros de qualquer outro meio de interação ou comunicação entre os seres humanos da pré-história, diz-se que a Arte é a primeira manifestação interativa criada pela humanidade.

Embora o que se chama de Arte hoje em dia não corresponda necessariamente ao que os motivou a produzir as primeiras imagens, mas pode-se dizer que as *estratégias discursivas, técnicas ou conceituais*, usadas para produzi-las ainda estão presentes no contexto da Arte Visual como recursos técnicos e expressivos.

Por isso chamar de Arte às imagens produzidas pela humanidade ao longo do tempo não é muito estranho, pois desenhos, esculturas, pinturas, incisões e outros modos de configurar imagens ainda fazem parte do contexto estético da Arte Visual como a vemos hoje em dia. Assim, por inferência, chamamos as imagens produzidas desde então de Arte. Contudo, a partir da Idade Moderna, o conceito de Arte assumiu contornos mais precisos e passou a integrar o contexto social como um campo distinto de manifestação expressão e, mais tarde, de conhecimento.

Obviamente as imagens chamadas de Arte desde os primeiros tempos da humanidade não atendem exclusivamente ao que entendemos atualmente por Arte, mas se aproximam disso e por falta de uma melhor compreensão do contexto, vamos considerar que a História da Arte revela as transformações plásticas, estéticas e conceituais que ocorreram com o passar do tempo em relação ao que se chama de Arte Visual hoje em dia.

O que é Arte?

Uma das primeiras questões que afetam o entendimento e compreensão da Arte é saber se algo é Arte ou não. Este foi sempre um ponto nevrálgico da compreensão da Arte Visual. Digo Arte Visual para ficar apenas nesse contexto, pois Arte é tudo o que o ser humano usa para expressar esteticamente suas ideias, valores, concepções e proposições.

No senso comum, quando se fala em Arte entende-se a Arte Visual, dificilmente alguém ao ouvir esta palavra irá associar à Música, ao Teatro, à Dança, à Literatura ou ao Audiovisual. Esta é uma concepção superficial e restritiva do que é, de fato, Arte, mas é o mais comum, portanto é necessário informar melhor a sociedade para melhorar seu entendimento. Para isto é que se formam professores em Arte.

A responsabilidade para esclarecer a população, educar, instruir, orientar é dever da Educação. O problema é que a Educação nacional é muito precária e tem muitas dificuldades para se estruturar e estabilizar, portanto, conta com o esforço coletivo daqueles que se preocupam com isto para atingir seus objetivos de melhorar as condições sociais da atualidade.

No campo da Arte, esta preocupação deve ser um dos principais objetivos da formação de profissionais, sejam eles produtores ou educadores.

Para tanto é necessário construir um processo que contribua para o desenvolvimento cultural da sociedade. Parte de nossa missão institucional, como docentes, discente e futuros profissionais é contribuir para que isto aconteça.

As manifestações artísticas ocorreram ao longo do tempo na História da Humanidade, desde os primeiros momentos até os dias atuais.

Percebam que, tais manifestações, não são sempre iguais, têm aparências, estilos, características formais e materiais diferentes. Ora são produtos da artesanaria, ora da tecnologia.

A grande questão que sempre incomoda, em geral os leigos, é saber o que é ou não Arte. Muitos estudiosos, filósofos, estetas, artistas, historiadores, sociólogos e tantos outros profissionais procuraram, em suas áreas de conhecimento, dar alguma resposta para esta questão, então vale a pena iniciar esta disciplina perguntando: O que é Arte? Ao final é possível ter encontrado uma resposta.

Para fins pedagógicos é possível sintetizar um conceito que dê conta daquilo que se pode entender por Arte:

***“A ARTE É A
MANIFESTAÇÃO
ESTÉTICA DA
HUMANIDADE”***

Embora isto soe como a reiteração do óbvio, uma tautologia que parece afirmar algo que já se sabe por princípio ou pressuposto, mas serve, pelo menos, para iniciar uma discussão em torno do conceito e entendimento da Arte Visual.

É necessário entender algumas premissas para compreender o todo.

O primeiro ponto é admitir que a Arte só existe por meio de uma manifestação sensória, estética, acessível aos sentidos e ao sensível.

É impossível intuir ou imaginar o que seja uma obra de arte sem acessá-la, tê-la ou vê-la constituída por meio das substâncias e qualidades que a compõem e determinam, pois são estas que lhe dão existência no mundo.

Portanto, a Arte só existe consubstanciada, enformada, constituída, configurada, realizada como tal, ou seja, *manifesta* por meio de sua estrutura constitutiva e significativa. Entretanto, não é *qualquer* manifestação que se admite como Arte, mas sim um tipo especial de manifestação, aqui entendida por *Manifestação Estética* e, conseqüentemente, realizada por meio de uma Poética.

Tal manifestação, como dito, advém do sensório, do sensível, do *estésico*, daquilo que apreendemos como ocorrência perceptível no mundo e, além disso, como manifestação aos sentidos que se torna também ocorrência operada, valorada, transformada pelo ser humano em qualidades sensíveis que dão origem à sua existência estética.

É, portanto, o *estésico valorado* no contexto do Sistema de Arte que se constituiu no que chamamos *Estético* e, por isto é considerada como manifestação artística. Portanto, não é a qualquer manifestação que chamamos de estética, mas sim às manifestações que colocam em discurso ou problematizam as questões da Arte, de seu fazer e de seu existir.

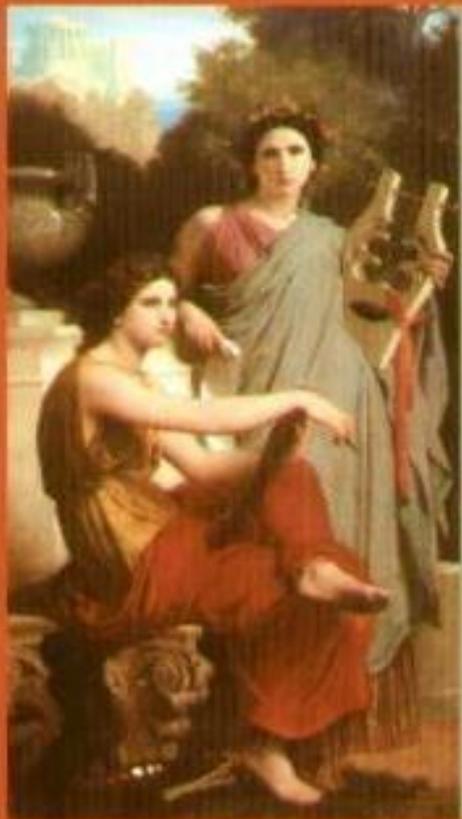
Logo, a manifestação da Arte é específica: *manifestação estética* e não outra qualquer. Ao mesmo tempo e por consequência disso é, acima de tudo, uma manifestação humana, já que sua presença nas diferentes civilizações que ocorreram no tempo e no espaço de nossa história foi capaz de revelar a índole, as características e a personalidade de cada uma destas culturas e civilizações.

Em busca do conhecimento vários teóricos como estudiosos da arte, historiadores e críticos discutem as transformações e rupturas pelas quais a Arte passou ao longo do tempo no intuito de conhecer suas manifestações e verificar os resultados que elas causam no Sistema de Arte como um todo. Um dos teóricos que sintetizou estas transformações foi Nelson Goodman:

LINGUAGENS DA ARTE

Uma abordagem a uma teoria dos símbolos

NELSON GOODMAN



Ao dizer que
*a questão não é
perguntar*
O Que
é Arte, mas
Quando
é Arte.

FILOSOFIA ABERTA

gradiva

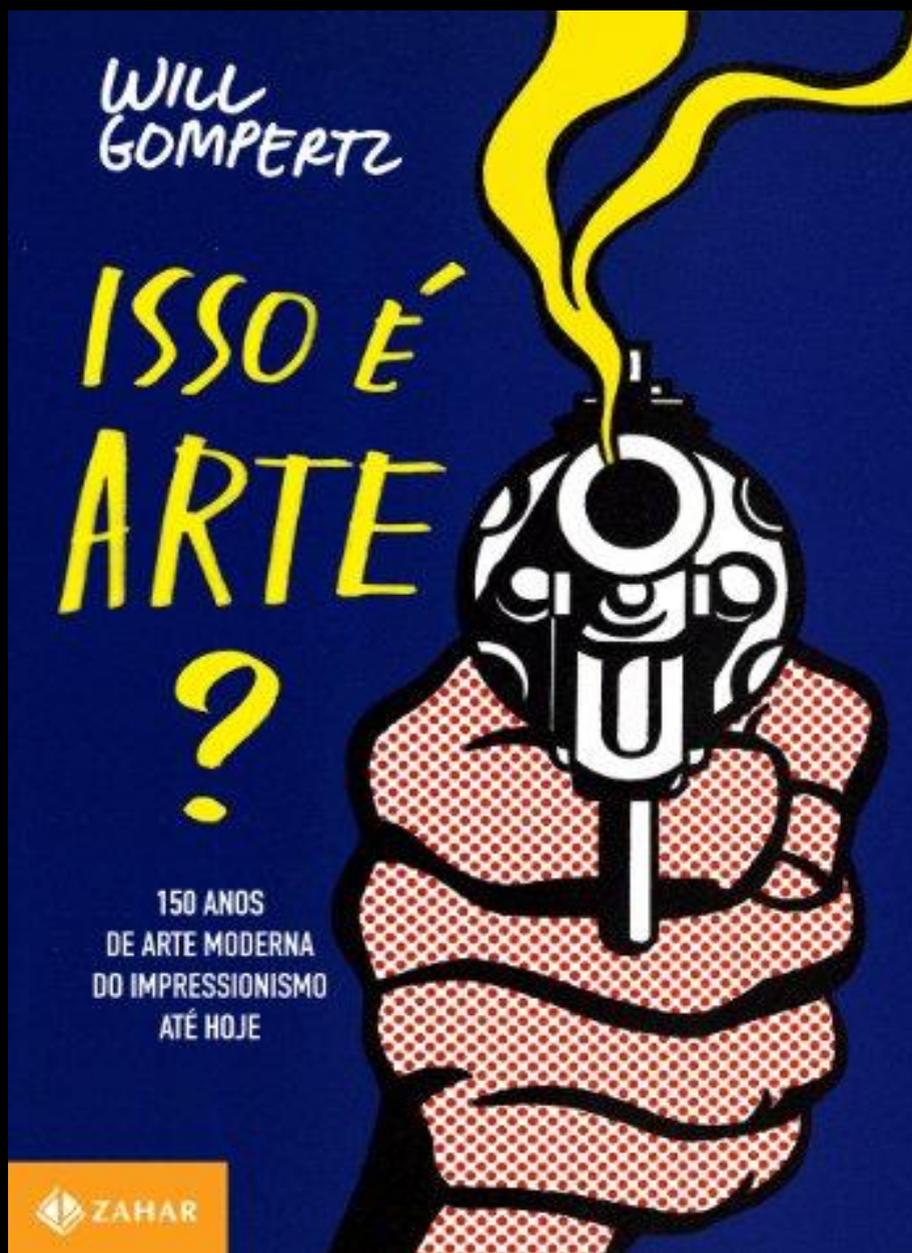


Neste mesmo sentido, Frederico Moraes, historiador e crítico de Arte brasileiro, resgata, ao longo de suas leituras, várias interpretações que tentam esclarecer o que é Arte no livro cujo título é significativo:

“Arte é o que eu e você chamamos Arte: 800 definições de Arte.”

Se a função da crítica é promover análises especializadas, comparativas, criteriosas, formal e eruditas que possam orientar e delimitar as questões inerentes à apreciação e à presença da Arte, isto também passa a ser feito *na* e *pela* Arte. Conceitual reduzindo ainda mais um espaço que antes era ocupado pela crítica como moderadora ou estimuladora das reflexões sobre Arte.

Outro aspecto que também oblitera também o exercício crítico na contemporaneidade, é o surgimento da Curadoria: um processo de gerir mostras e proposições cujo gestor/curador, um crítico, teórico ou artista assume a responsabilidade de olhar, selecionar, editar, organizar e construir leituras sobre a Arte reduzindo, ainda mais a função da crítica como mediadora social.



Ao mesmo tempo, os escritos sobre arte também se transformam em leitura mais amena. Will Gompertz se propõe a discutir as questões da Arte instauradas a partir da Modernidade com humor e hilações de caráter mais literário do que histórico ou crítico, dando um novo tom para os textos sobre Arte, tornando-os mais amigáveis e interessantes para os leitores

É necessário entender que, hoje em dia, se convive com todos os tipos de manifestações artísticas: conservadoras e inovadoras, em diferentes categorias, sejam eruditas, populares ou mercantis/comerciais, logo, a Arte atual não sustenta classificações fechadas em escolas, estilos ou movimentos mas acredita em algo novo, em transformação, nas diferenças e em novas identidades.

Observando as transformações pelas quais a arte passou num curto período de tempo, desde fins do século XIX ao início do século XXI, vê-se que os desafios enfrentamos desde então são complexos e evocam ora a tradição e a negação do presente, ora o presente e a negação do passado. Contudo o que importa enquanto estudo é compreendê-la, esse é o fim do Ensino *de e em Arte Visual*.

Estes são desafios que se revelam por meio das proposições empreendidas pelas manifestações artísticas e, conseqüentemente pelas leituras, contruídas por meio das investigações, das pesquisas dos estudiosos e, conseqüentemente, mobilizam também professores e estudantes no campo da Arte. São estes desafios que motivam os estudos nesse campo: tudo o que a envolve ou ocorre nela e em torno dela, especialmente, a partir da produção dos artistas.

A primeira questão que pode se colocar é sobre *quem* produz Arte ou seja, o Artista.

Nem sempre o artista foi o personagem idiossincrático, individualizado e identificado como se entende hoje em dia. Na maior parte do tempo, sempre foi um artífice, alguém que, por qualquer motivo, dominava certas habilidades, recursos e estratégias capazes de construir imagens.

Esta personalidade é dotada de meios capazes de plasmar imagens, situações e circunstâncias que a sociedade chama de Arte. É capaz de inventar, criar, imaginar e dar forma ou existência a coisas que chamamos Arte. É capaz de entender e atender às demandas sociais nesse campo e resolver com maestria ou confrontar tais demandas. É capaz de dialogar com a sociedade e ter voz própria.

Obviamente o que estou dizendo não é o que sempre se pensou sobre o artista e nem sempre o que o artista fez, mas é uma síntese do que ele pode ser ou como é entendido no contexto da sociedade.

Um artista é alguém que opera uma ou mais poéticas para dar vazão às suas ideias, proposições e conhecimentos estéticos num momento cultural numa sociedade.

Isto levou a pesquisadora Sarah Thornton a buscar, por meio de entrevistas, visita aos artistas e seus estúdios, oficinas, ateliers, nas galerias e museus em várias partes do mundo, uma resposta plausível para a pergunta: O que é um Artista?

SARAH THORNTON

O QUE

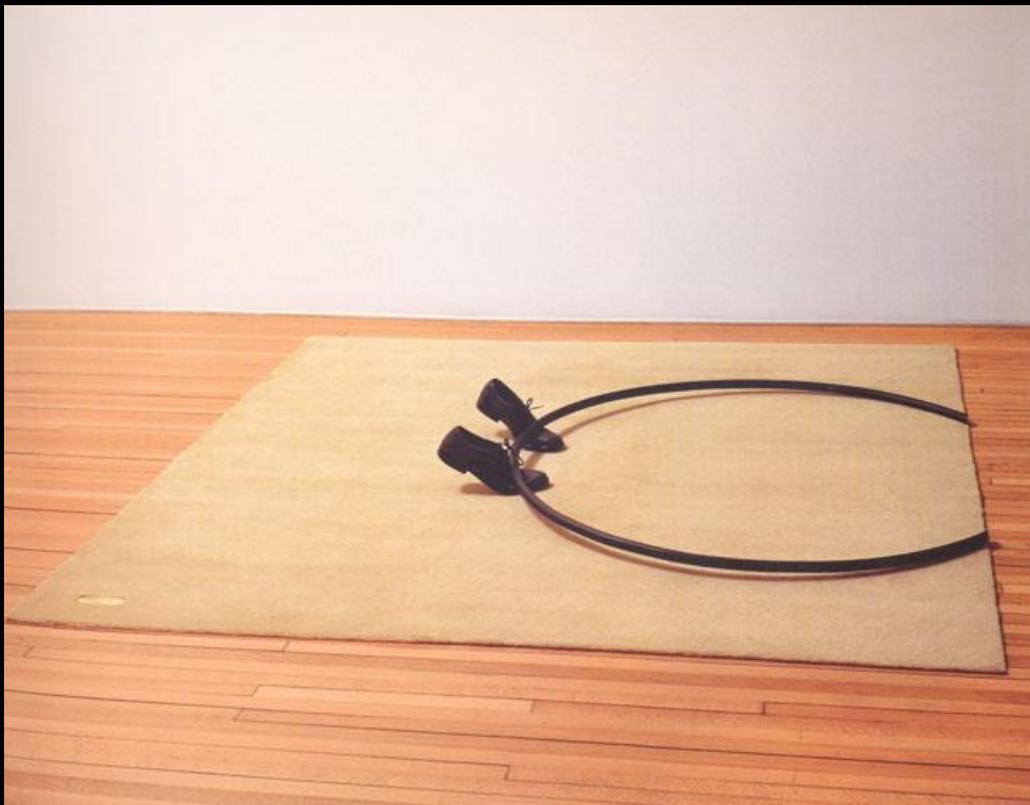
É UM

Nos bastidores da arte contemporânea com Ai Weiwei, Marina Abramović, Jeff Koons, Maurizio Cattelan e outros

ARTISTA?



ZAHAR



Enfim, definir os problemas que instigam esta busca é nossa grande meta: descobrir se o que se entende como Arte corresponde, de fato, ao que doravante vamos chamar de Arte e se esta compreensão tem vigência cultural e é capaz de atender aos questionamentos intelectuais que dela decorrem.

Assim, quem sabe, seja possível caminhar em busca da “Emoção Estética” como Waltércio Caldas sugere em sua obra de 1977.

Nela Waltércio parece buscar ou criar a sensação de suspensão, mobilização, tensão e surpresa gerada pela interação estética que se pode ter com as Obras de Arte, esta é minha impressão sobre o trabalho e, quem sabe, possa ser a meta de todos que apreciam e trabalham com Arte!

Recomendações de atividades para complementar, reforçar e ampliar os conteúdos deste tópico.

Leituras:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/extos>

GOMBRICH, Ernest. A história da Arte – Introdução: sobre arte e artistas, p. 6 a 18.

HODGE, Susie. Breve História da Arte – Introdução, p 6 a 8.

Revista - Reflexões sobre Arte Visual:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

Multimídia: Audiovisuais, Tutoriais e Podcasts.

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/multimidia/audiovisuais>

Podcast - Reflexões sobre Arte Visual:

<https://anchor.fm/isaac-antonio-camargo#> =

Questões sobre este tópico e suas leituras:

- 1) *Qual é a posição de Gombrich em relação à beleza de uma obra e de seu tema e entre gosto e beleza?*
- 2) *O que Gombrich fala em relação a “regras”?*
- 3) *Como Hodge define “Movimentos” e “Temas”?*
- 4) *Descreva o que foi dito sobre: Estilo, Escola, Movimento, Tendência, Poética, Gênero e Tema neste tópico.*
- 5) *Como Imagem e Arte foram definidas neste tópico?*